



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 31

Preço
1\$00

A Companhia Cinematográfica de Portugal

apresenta na proxima terça-feira, 1 de Novembro
no "TRINDADE"

ERA UMA VEZ UMA VALSA...

Super-produção da "AAFA", com musica especial de

FRAZ LEHAR

e interpretação da encantadora

MARTA EGGERTH

com ROLF VON GOTH, LIZZI NATZLER,
ERNEST VEREBES, PAUL HOERBIGER
e ALBERT PAULIG.

ERA UMA VEZ UMA VALSA...

E' O PRIMEIRO GRANDE FILME-OPERETA
DA TEMPORADA



Eis aqui duas cenas de "Fascinação", um filme mil por cento Joan Crawford, que desempenha um papel difícil, completo, o mais complexo da sua carreira. Joan Crawford, que aqui vemos com Wallace Ford e Marjorie White em duas cenas de "Fascinação", tem como primeiro actor nesta fita o novo idolo Clark Gable.

O Cantinho dum Cinéfilo

Quando surgiu a cinematografia sonora, imponente e majestosa na conquista dos principais mercados mundiais, logo vieram atrás dela como possíveis travões à sua marcha triunfante, as grandes complicações e dúvidas da internacionalização, a aplicação do cinema falado aos países de nula ou restrita produção onde a cinematografia estrangeira impera.

Mas logo surgiram, também, os remédios tendentes a debelar tal maleita, medicina caseira a servir de palatativo em tam perturbadoras e perigosas circunstâncias: A sobreposição de legendas nas versões originais e as versões feitas na língua do país a que o filme se destina.

O primeiro remédio, mais frequentemente aplicado, se não satisfaz inteiramente, vai suprimindo maiores exigências; os artistas falam, a tradução aparece sobreposta em algumas imagens, e a compreensão do entretido — quando as imagens não bastam para o definirem convenientemente — lá se vai fazendo, sem dificuldades de maior. O segundo é de resultados mais seguros, quando as casas-produtoras adaptam o sistema até agora usado pela «Ufa» e pela «Fox»: as versões estrangeiras são tam boas como as originais, feitas com tal esmero, com tal cuidado, que na sua feitura geral não se distinguem das do país de origem, senão na língua em que são faladas e nos nomes dos intérpretes, que não no seu valor.

Este remédio, porém, não se pode aplicar a todos os países, como, por exemplo, Portugal, cujo mercado — mesmo incluindo os Brasis e o Além-mar em África... — é de tal forma pequenino que não comporta a amortização das despesas duma versão em português, feita com o mesmo cuidadoso espírito de produção das fitas originais. E assim, enquanto não houvesse produção nacional, continuaríamos eternamente a ver e ouvir apenas filmes em língua estrangeira, se...

■ ■ ■

... se o *dubbing* não aparecesse como o remédio eficaz, se não se anunciasse, agora, como o único capaz de nos fazer ouvir, em dias próximos, a nossa língua através da tela sonora,

emquanto a produção portuguesa não estiver em plena actividade e não fôr suficiente para as necessidades do nosso mercado.

Confesso que eu era um descrente do *dubbing*. A experiência da dobragem de «Rio Rita» em espanhol, com a sua falta de sincronização do movimento dos lábios falando inglês com o texto ouvido em espanhol, a disparidade entre os tipos de alguns personagens e a sonoridade das vozes que pretendiam corresponder-lhe, havia-me posto de relações coitadas com o *dubbing*, relações que «Désamparé», de George Bancroft, não melhoraram nada.

«Trader Horn», porém, já nos aparecia dobrado em espanhol com grande perfeição, mas esse mesmo não me levará ao entusiasmo, por se tratar dum filme de poucos diálogos, uma produção especial onde essa perfeição não poderia contar como definitiva e aplicável aos filmes de diálogos frequentes.

Mas a «M-G-M» acaba de nos apresentar a sua grande produção «Titans do Ceu» e com ela a prova real das possibilidades da dobragem no mais elevado grau da perfectibilidade.

«Titans do Ceu», dobrado em francês, é a demonstração ampla, segura, definitiva, de que, em qualquer língua, se poderão adaptar os mais importantes filmes interpretados pelos mais categorizados artistas das grandes casas. Em «Titans do Ceu» não há um deslize. Os diálogos franceses devem ter sido preparados com evangélica paciência, com demorado estudo, para resultarem de tam perfeita adaptação às expressões e movimentos dos intérpretes. E as suas vozes, da mais completa e exigível harmonia com as figuras das personagens. A de Wallace Beery, forte, grossa, ligeiramente roufenha, irmã-gêmea do tipo que ele representa, como a de Dorothy Jordan, suá, meiga, cristalina, exactamente a que se idealiza na sua angélica figura. E como as de todos, afinal, na mais agradável das adaptações, no mais perfeito dos ajustamentos, a cobrirem-nos de satisfação, a encherem-nos de esperanças, ou antes, a decidirem forte e firmemente da possibilidade de termos, quiçá na temporada próxima, filmes em língua portuguesa, interpretados pelos artistas mais queridos do nosso público.

Os cuidados de Helen Hayes

Um grupo de jornalistas rodeava Helen Hayes no seu camarim dos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer», fazendo as diversas e costumadas perguntas com que massacram habitualmente os artistas cinematográficos, especialmente os que se distinguem pelas suas interpretações.

— «Qual é o seu passatempo predilecto?» — perguntou um dos jornalistas.

— «É o meu bebé!...»

Os jornalistas deviam estar preparados para apontarem outra qualquer resposta extravagante e exótica, e por isso Helen Hayes — estrela da Broadway e do cinema e esposa do dramaturgo Charles MacArthur — acrescentou:

— «Mary, a minha filha, mudou por completo a minha vida...»

«Cresci entre bastidores, representando o meu primeiro papel aos 6 anos, e desde então quasi que não conheci outra vida. Quando comecei a pensar com juízo no meu futuro, defini um plano que achei magnifico: continuar no teatro até que estivesse velha para me apresentar no palco, retirando-me então para terminar os meus dias numa casinha tranqüilla.

Mas o melhor seria ter a sorte daquelas actrizes que seguem a sua carreira até ao último momento...»

«Mas nasceu a Mary e tudo se modificou. Descobri que já não me interessava representar até ao fim da minha vida e tive de alterar todos os meus planos...»

«Agora espero ser actriz até que Mary complete os dez anos — e depois conto retirar-me por completo e definitivamente do teatro e do cinema, passando o resto dos meus dias na minha casa com a minha familia... A não ser, bem entendido, que os estúdios ou os teatros me façam alguma oferta tentadora, como, por exemplo, o papel que representei em *O Pecado de Madelon Claudet*».

«Quando Mary fizer os dez anos será quasi uma mulherzinha e tera mais necessidade da minha companhia do que agora.

«Fico radiante quando penso nos anos de inalterável vida de familia que vou gozar, e que me entusiasma muito mais do que os triunfos que ambicionára no palco».

«A pequena Mary tem uma casinha só para si e para a aia, onde goza uma absoluta tranqüillidade, e tem espaço para os seus jogos, sem ser incomodada pelas idas e vindas de seus pais e das visitas, pois a gente de teatro não tem horas regulares para estar em casa».

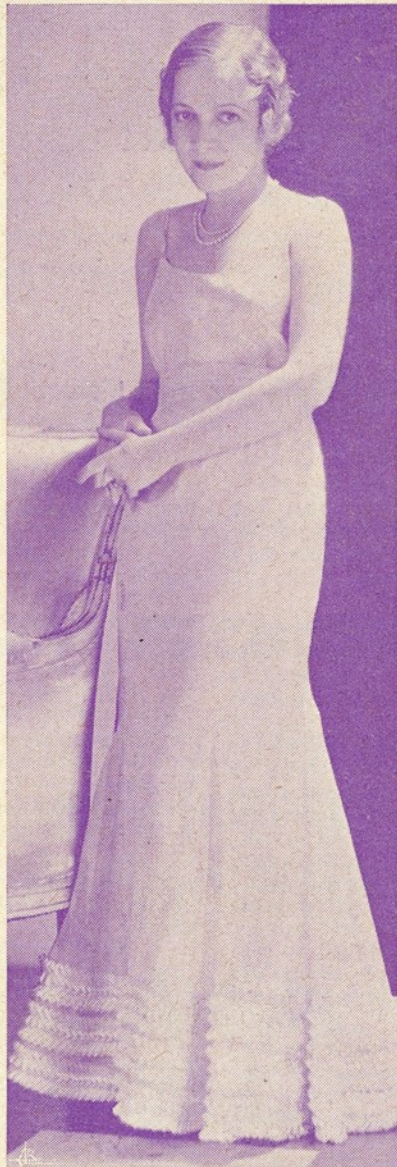
Helen, porém, passa um tempo infinito junto da filha.

Salvo nos dias de «matinée» ou quando tem trabalho no estúdio ou qualquer negócio para tratar, Helen Hayes esquece que é estrela do teatro e do cinema e transforma-se numa mãe, como as outras,

apaixonada e cuidadosa, — ocupando-se de todos os detalhes da vida de Mary.

Quando está em Hollywood trabalhando em alguma película, vive numa casa de campo, com um jardim que ocupa o cume de uma colina. Escolheu esta residência porque quer que Mary goze de tudo que lhe pôde trazer saúde e alegria.

Tal é na vida privada a actriz que a Metro escolheu para protagonista de *O Pecado de Madelon Claudet*, um dos grandes exitos do cinema americano.



Helen Hayes, uma consagrada actriz americana, cuja interpretação em «O Pecado de Madelon Claudet» constituiu um trabalho formidável que o público português apreciará em breve.

Helen Hayes, pelo seu desempenho naquele filme, está candidata ao prémio de Academia para a melhor interpretação de 1931.

A arte de enfrentar a objectiva

Estais certos, leitores amigos, de que vós sabeis retratar? Quando ides a casa do fotógrafo e estais em frente da máquina esperando o momento solene da pose, conheceis as regras da difícil arte de tirar uma fotografia?

Se assim fôsse, não veríamos por esses escaparates fóra tantos braços apolados a uma coluna mais alta que o corpo, tantos olhos desmesuradamente abertos, tantas bocas torcidas, tantos sorrisos forçados, tantos rostos de «vítimas de crime»... O crime, neste caso, é cometido pelo fotógrafo, e o seu cúmplice é, sem dúvida alguma, a própria vítima...

Os mestres da difícil arte de tirar uma fotografia são inegavelmente os astros e as estrelas do cinema. Esta arte é neles não só uma faculdade, mas também o resultado de exercícos e estudos complicadíssimos. Imagine-se a perda enorme de tempo e de dinheiro que acarretaria o pestanejar de uma estrela sob a luz fortíssima dos focos «Kleig» ou a colocação numa posição forçada ou inestética nos momentos culminantes de um filme.

Para evitar estes insucessos, uma vez provadas as condições fotogénicas do futuro artista, os directores de Hollywood, de Berlim e de Paris obrigam os seus «subditos» a familiarizar-se com a câmara cinematográfica e até com a simples objectiva fotográfica que há de reproduzir a sua imagem até ao infinito para a remeter em belas fotografias, pelo orbe em fóra. É necessário, antes de mais nada, obter uma perfeita serenidade, uma absoluta naturalidade diante da máquina. É preciso esquece-la, prescindir dela, actuar como se ela não existisse, como se esse olhar potentíssimo da reprodução fotográfica não fôsse mais do que um olhar humano... Que vós aprendendo estes princípios os candidatos ao estrelato cinematográfico nacional...

Obtida esta calma, esta serenidade, é necessário também aquela graça de movimentos, aquela beleza de poses, que exclui toda a preocupação de estar ante o fotógrafo. Esta harmonia de atitudes, esse domínio do gesto, esta perfeição do movimento fazem da jovem geração cinematográfica da América do Norte a herdeira da remota geração da Grécia clássica.

De uma Greta Garbo, com a sua magnífica pose desdenhosa, e envolvida na bruma de um vago mistério, a uma Janet Gaynor toda ingenuidade, simplicidade e infantilidade sentimental e cândida, — que larga escala de belas atitudes!

Absolutamente sereno o rosto, dilatada sómente a boca num meio sorriso cheio de encantamento, o olhar com expressão, quasi a falar, — a conversar connosco e a dizer frases singelas e virginais...

E esta é a arte não só dos fotógrafos



Aqui está uma linda e recentíssima fotografia de Janet Gaynor, a encantadora actriz que veremos esta época em "Deliciosa" e "Recem-Casados", com o simpatíssimo Charles Farrell. Ora vejam a naturalidade de Janet Gaynor, enfrentando a objectiva!

do cinema, mas também dos fotografados. Que os retratos falem, não precisamente com palavras, mas com a atitude, com o gesto, com a naturalidade perfeita e a despreocupação absoluta que revelam a verdadeira personalidade do retratado.



Qual foi a sua profissão, antes de sêr artista do cinema?

De onde procedem? Como entraram no campo da cinematografia os artistas do «écran»? De onde foram recrutados?

Estas e outras perguntas são diariamente proferidas não somente pelos que aspiram a abrir caminho na carreira do celuloide, mas também por todos os que pelo cinema se interessam. E eis porque julgamos interessante satisfazer, pelo menos em parte, esta justa curiosidade, fornecendo aos leitores algumas notas lacónicas, quasi telegráficas, sobre as origens dum punhado de artistas, sem nos preocuparmos com a sua maior ou menor popularidade.

Comecemos por Billie Dove. Billie trabalhou como modelo. Quando tinha apenas cinco anos era muito procurada pelos pintores e desenhadores, e durante muito tempo o seu lindo rosto foi reproduzido na tela e no papel. Não é, portanto, de estranhar que muito nova ainda encontrasse livre o caminho para fazer a sua estrela no «écran» em diversos estúdios de Nova-York. Há cinco ou seis anos que alcançou a categoria de «setrela».

Charles Farrell era um «ás» do

«foot-ball» há seis anos, no Colégio de Dormonth. Durante numa viagem a New York conheceu Richard Dix, que filmava então uma película desportiva, e assim se lhe abriram de par em par as portas da cinematografia. Starret obteve um papel no filme que se intitulava «The Quarterback», e ficou fascinado pelo «écran». Não obstante voltou ao Colégio, onde completou brilhantemente os seus estudos, para dedicar-se depois ao teatro e chegar em breves etapas a Hollywood.

Edward Everret Horton chegou à cena e à pantalha passando pelo Oberlin College e pela Universidade de Columbia, entre cujos corpos docentes obteve toda a espécie de honras em representações de amadores.

Em 1910, com a idade de vinte anos, fez-se actor profissional, actuando durante doze anos em diversas companhias. Em 1921 foi contratado para o seu primeiro filme pela antiga companhia Vitagraph, e hoje é o actor cinematográfico, sem contrato fixo, que mais largamente se faz pagar em Hollywood. Lois Wilson era professora de uma escola em Birmingham, onde crescera e se educara, mas em 1915 ganhou o primeiro prémio num concurso de beleza organizado por um diário da cidade. Desde então é muito popular no cinema. Entre as suas interpretações ha algumas de muito valor.

Mary Dugan chegou à cena depois de passar pela Escola de Declamação da Universidade de Cornell.

É natural de uma pequena cidade do Estado de Virgínia, onde estudou num pequeno colégio religioso, e onde começou a actuar no teatro. As suas naturais aptidões para a cena eram tam notáveis, que os seus amigos induziram-na a matricular-se na Escola Cornell. Depois de cursar a mesma actuou durante vários anos no Broadway de Newyork e há

uns três anos deslocou-se para a Meca do cinema.

Andre Beranger nasceu em Sidney (Austrália) e estudou em Londres, Paris e Berlim antes de intentar ganhar a vida por si próprio. Em Paris começou a dedicar-se ao teatro e em breves etapas foi parar a Hollywood. Charles Sellou começou a sua vida profissional como architecto. Cursou a Escola Tecnológica de Boston, e, quando trabalhava na construção de um teatro, adquiriu um interesse mais que académico pela vida artística. Depressa obteve o seu primeiro papel, e desde então não abandonou mais o trabalho interpretativo.

Betty Ross Clarke é provavelmente mais conhecida em Inglaterra e na Austrália do que nos Estados Unidos, embora

O Charles Farrell pediu licença à Virginia Vally e mandou-nos este retrato tirado em Santa Monica. Não se sabe quem está jogando a bola com o Charles Farrell. Mas quasi apostavamos em como a Janet Gaynor não deve estar longe...





"Mata-Hari" continua sendo o grande sucesso em todos os países onde se exhibe. Greta Garbo e Ramon Novarro, que esta gravura apresenta numa cena daquela fita, tem um excelente trabalho em "Mata Hari", uma das grandes produções do "Ano Metro".

A proposito de "Mata-Hari"

Deve realizar-se talvez brevemente a exhibição em Portugal de «Mata-Hari», um grande filme da M.G.M. que faz reviver a dolorosa história da célebre bailarina holandesa, sacrificada ao furor belico precisamente no momento em que a sua beleza e a sua sedução atingiam o seu auge.

Neste filme a «M.G.M.» reuniu um elenco formidável, composto de Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore, Lewis Stone e Karen Morley.

Tudo há a esperar de este conjunto de artistas, e Greta Garbo é bem a mulher que todos nós, os que não conhecemos Mata-Hari, senão pelas gravuras dos jornais, idealizariamos para interpretar o papel da misteriosa espia e fazer reviver as cenas empolgantes e trágicas da sua vida de triunfo e de dôr.

«Mata-Hari» é um dos poucos filmes que todos, mesmo os que não são cinéfilos, aguardam com interesse, porque o seu entrecho é baseado em factos reais que fizeram vibrar tôdas as almas e aglutinaram o mundo numa luta em que o sentimentalismo e o rigor imposto pela guerra se degladiavam.

Mata-Hari é hoje para nós uma figura de sonho, esbatida, por quinze anos que decorreram já sobre a sua morte; mas nem por isso o nosso espírito deixa de comover-se com a sua recordação, porque a ela está ligada um sentimento de piedade por tanta beleza ceifada em pleno esplendor.

Greta Garbo vai, pois, animar essa sombra perante os nossos olhos avidos. Graças ao seu poder interpretativo, Mata-Hari vai falar nos, vai seduzir-nos com o misterioso encanto que se desprende do seu corpo juvenil, vai deslumbrar-nos com os seus triunfos e comover-nos com o espantoso drama da sua vida — que foi o drama da sua morte.

tinha nascido e fôsse educada no Estado de Dakota Setentrional. Começou a actuar como artista nas escolas superiores da sua cidade natal, e mais tarde emigrou para Mineápolis, onde encontrou trabalho numa companhia. Dali foi para Hollywood e fez-se bastante popular em filmes silenciosos. Cansada d'êste trabalho, empreendeu uma viagem em volta do mundo, e actualmente é tam conhecida em Sidney (Austrália) como Ethel Barrymore.

Joan Standing pertence a uma família inglesa, nasceu em Inglaterra, mas foi levada para a América quando ainda era criança. Aos doze anos começou a trabalhar para o cinema, e desde então nunca abandonou Hollywood.

Adrian Morris, irmão de Chester Morris, nasceu para o teatro. Sua mãe era Etta Hawkins e seu pai William Morris, primeiro actor de «Oiga Nethersole», «Madame Modjeska» e «Mistress Fiske». Trabalhou em várias companhias e pertenceu durante muitos anos ao grupo artístico dos Morris, do qual faziam parte seu pai, sua mãe, sua irmã e seus

irmãos. Entrou agora para o cinema e a sua actuação no primeiro filme faz prevêr que val alcançar um successo pelo menos igual ao de seu irmão.

Tôdos os artistas citados fazem parte do elenco de *A Idade de Amar*, película que verêmos ainda esta época no Porto. As suas histórias, tam diversas, darão aos nossos leitores uma idéa das «origens humanas» de tôdos os «astros» que o «ecran» nos apresenta como figuras de luz aureoladas de sonho.



André Daven regressa à Europa

André Daven, que até há pouco era o supervisor das versões francesas da «Ufa», e que recentemente foi contratado pela «Fox», regressou já de Hollywood, onde conversou com os dirigentes daquela casa americana, sobre a próxima produção da «Fox» em França.

Com Clara Bow em "Sangue Vermelho"

A «Fox» anuncia que, com Clara Bow em «Sangue Vermelho» (Call Her Savage), trabalham Phillips Holmes, Hale Hamilton e Anthony Jowitt. «Sangue Vermelho» está já sendo filmada, e ainda esta época será apresentada em Portugal.

O primeiro filme de Lilian Harvey na "Fox"

Anuncia-se que a primeira fita que Lilian Harvey fará para a «Fox» levará o titulo «His Majesty's Car» («O Carro de sua Majestade»).

"Anjos do Inferno" proibidos no Perú

A pedido do Embaixador Alemão, a fita «Anjos do Inferno» foi proibida no Perú.

Fixem estas duas coisas:

1.^a—Que

“O Meu Ultimo Amor”

que o “Trindade” estreia na proxima
terça-feira, falada e cantada em
espanhol, com o querido actor

JOSÉ MOJICA

é uma super-produção da “Fox”

2.^a—Que a casa “Fox”, que apresentará
esta temporada alguns dos maiores
 exitos do cinema, é representada em
Portugal pela

Companhia Cinematográfica de Portugal

“ O M E U U L T I M O A M O R ”

UMA HISTORIA SENTIMENTAL SOB O CEU MEXICANO

O José Mojica não é só um dos melhores jogadores de «tennis» de Hollywood, como as revistas apregoam: é também um felizardo... A sua vida, o ritmo da sua vida sem cuidados é feito de coincidências agradáveis e de sucessos permanentes. Porque o José Mojica é um dos poucos artistas que triunfaram

sua mãe fixado residência em Los Angeles, — e a este incidente fortuito deve Mojica a «sorte grande» de estar hoje no cinema.

Ha menos de dois anos foi Mojica visitar sua mãe e alguns dos amigos mais íntimos aconselharam-no a fazer uma prova de fotogenia. Mojica negara-se ter-

tro, antes de ingressar no cinema, deram-lhe uma grande ajuda para as suas caracterizações cinematográficas, como ficou provado com o seu perfeito trabalho em «O preço de um beijo», «O príncipe que nunca amou» e agora em «O meu último amor», que vamos ver brevemente num dos cinemas do Porto.

Sim, senhores, é um felizardo, o José Mojica, que nesta película, — baseada na novela romântica «Basquerie», de Miss Eleanor Mercein —, tem como parceira a Ana María Custódio, uma das mais graciosas actrizes espanholas.

Ana María Custódio, que nasceu em sevilha, e tem apenas 20 anos de idade, trabalhou com as companhias de Lola Membrives e Lopez de Heredia no teatro Lara, de Madrid, e causou sensação pelo seu extraordinário talento e fascinadora beleza. E assim, a bela e tentadora Ana María não tardou em levar o seu nome ao cúmulo da fama, e em quatro curtos anos converteu-se numa das mais notáveis actrizes do teatro espanhol.

John Stone, o director da produção espanhola da «Fox», que se encontrava em Espanha em busca de um novo talento para levar para Hollywood, a instâncias de um empresário seu amigo que não cessava de alardear os dotes artísticos da jovem actriz, assistiu a uma sessão onde aparecia Ana María numa célebre obra dramática e ficou tam impressionado pela sua exquisita beleza e estranha fascinação que imediatamente lhe ofereceu um contrato de larga duração.

Ana María Custódio tem um papel difícil em «O meu último amor», e a sua transição de uma frívola rapariga da alta sociedade para a mulher de carácter e belos sentimentos está esplendidamente realizada e constitui o melhor trabalho que realizou até agora para o cinema.

Mas o melhor é contarmos o enredo deste filme encantador, a que a beleza da fotografia da Costa Baixa da Califórnia e das belas montanhas mexicanas fornece um grande valor artístico.

Suzana Welden faz uma grande ostentação da sua passada riqueza, pois está quasi arruinada, e insiste com sua sobrinha Diana para que case com o riquíssimo Lord Harry Congers, para salvar a situação.

«O Meu Último Amor»

Produção da «Fox»

Dirigida por Lou Seller

PRINCIPAIS INTERPRETES

José Mojica	Fernando Urrutia
Ana María Custódio	Diana Carter
Mimi Aguglia	Betsy, a amiga
Elvira Morla	Tia Susana
André de Segurrola	Lord Harry Congers
Nancy Torres	Lupe
Carmen Rodríguez	Dona Cristina, a avó de Fernando
Roberto Cartier	Juanito
Paco Moreno	Criado



sem grandes esforços nem contrariedades.

Querem ver?

Nasceu o simpático galã no México, numa formosa herdade que sua tia possuía e onde êle passou muitos dias felizes entregue por completo à vida do campo.

Quando surgiram as revoluções e os distúrbios políticos, desapareceu por completo a fortuna de seus pais e o jovem mexicano resolveu ir para os Estados Unidos em busca de novos horizontes. Mas como ia acompanhado por uma boa «estrêla», — a grande diva Mary Garden, favorita da companhia de óperas de Chicago, escolheu-o para primeiro tenor da sua companhia, depois de o ouvir cantar uma única vez. Ingressou assim na «Civic Opera», de Chicago, onde a sua voz lhe grangeou fama e fortuna.

Em busca de um clima benigno, tinha

minantemente, dizendo que não devia ter grande habilidade para o cinema. Mas por fim, no próprio dia em que regressava a Chicago no seu automóvel, entrou nos estúdios da «Fox» e ali fez umas provas de ensaio. E foi-se embora... Vocês não calculam a surpresa do José Mojica quando chegou a Chicago e encontrou um telegrama da «Fox», — um destes telegramas que todos nós gostaríamos de receber... —, oferecendo-lhe um proveitoso contrato como «astro» de primeira grandeza e solicitando o seu regresso imediato a Hollywood.

Começaram, então, os seus êxitos como actor cinematográfico. Bandoleiro, príncipe da Sylvania, sultão árabe, tais foram as variadas caracterizações que realizou com rara mestria o versátil José Mojica nas suas mais recentes películas para a «Fox».

Os seus anos de experiência no tea-

parte, quando se encontravam numa estalagem, Fernando confessa-lhe que se dirige para casa de sua avó, para que ela abençoe o seu próximo casamento...

A velhota recebe-os cheia de satisfação, mas nesse momento Diana arrepende-se daquela aventura ao ver a simplicidade e o verdadeiro valor daquela pobre gente da montanha, e como crê que Fernando é um inglorio camponês, compreende que o casamento entre os dois seria impossível e que nunca seria feliz vivendo entre aquela gente. E nessa

mesma noite fugiu da quinta de Fernando e regressou ao hotel...

Uma hora antes do seu casamento com Lord Harry, Diana desafia as convenções sociais para seguir os ditames do seu coração e vai em busca de Fernando... Quando êste a toma nos seus braços, Diana confessa que foi uma cobarde... O jovem perdoa-lhe tudo, casam-se e vão no «yate» de Fernando em viagem de núpcias... Um momento de arrependimento trouxera uma semana de amor e uma eternidade de felicidade...



Diana, por fim, resolve casar-se com Lord Harry, mas confessa a uma amiga solteira, Betty, que ama perdidamente um jovem mexicano chamado Fernando. — Fernando é um entusiasta desportista mexicano, que ia todos os anos passar uma temporada na sua aldeia, abandonando durante êsse tempo a sua roupa moderna pelo modesto vestuário do camponês mexicano...

Um dia, Fernando pede a Diana que o acompanhe numa viagem pelas montanhas e ela, num momento de louco abandono, aceita com curiosidade, crendo que isso seria somente um romântico episódio antes do seu casamento com o inglês. Mas com grande surpresa da sua

Greta Garbo viuva de Mauritz Stiller?

Confirma-se que Greta Garbo, que se encontra em Estocolmo, em férias, teria declarado que era a viuva do realizador sueco Mauritz Stiller, com quem diz ter casado em Constantinopla, antes de partirem para a América.

(Informação A. I. C.)

Maciste morreu

Bartolomeo Pagano, o célebre atleta italiano conhecido por Maciste, que foi o herói de tantos famosos filmes ita-

lianos como «Maciste», «Cabiria», etc., acaba de falecer, vítima de um desaste de automóvel, nos arredores de Pisa.

(Informação. A. I. C.)

«O Último Homem na Terra» já está em produção

Nos estúdios da «Fox» o realizador James Tinling já começou a comédia musical em espanhol «O Último Homem na Terra», que há anos vimos como filme silencioso. Os intérpretes da nova fita são o actor-cantor brasileiro Raoul Roulien, que tem um excelente papel em «Deliciosa», com Janet Gaynor e Charles Farrell, e a conhecida actriz espanhola Rosita Moreno.

No inquérito de "Cinema,, aos jornalistas cinematográficos portuenses, "A Tragédia da Mina" classifica-se como "o melhor filme estreado em 1931/32,,

Estamos satisfeitos. As respostas dos jornalistas cinematográficos portuenses ao inquérito que junto deles vinhamos fazendo, para sabermos

preferências dos nossos jornalistas classificam como as melhores, são produções de categoria que se impuseram pelas suas qualidades, e, de entre elas,

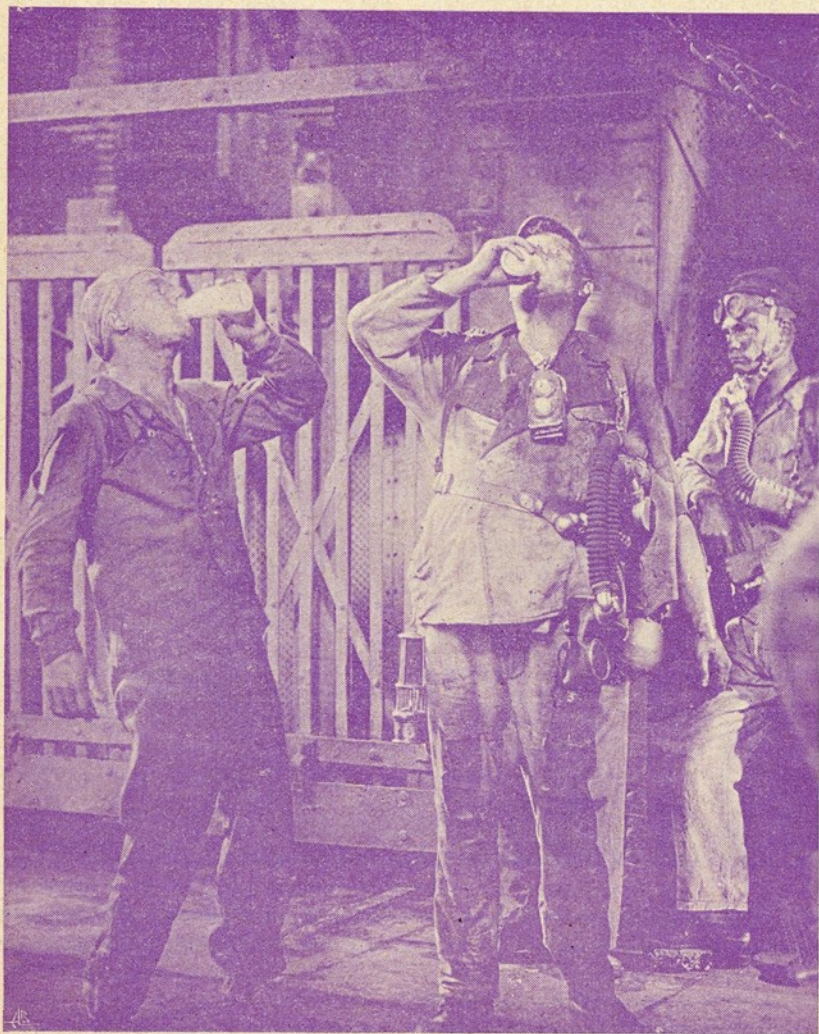
formidável obra de Pabst os méritos para ocupar com justiça a classificação em que a colocou a maior parte dos nossos camaradas. Interessante foi a luta entre «Matou» e «Ruas da Cidade», para o 2.º lugar, resultado duvidoso até às últimas respostas, que decidiram a favor da magistral obra de Fritz Lang, colocando em terceiro o maravilhoso trabalho de Rouben Mamoulian.

E estamos contentes, porque de 29 jornalistas consultados, apenas deixaram de responder 5, de-certo porque os seus afazeres não lhes permitiram escrever-nos. Das 24 respostas recebidas, duas não puderam ser contadas. A do camarada José Natividade Gaspar, uma atenciosa escusa, até certo ponto aceitável; alega o ilustre crítico de «Cinéfilo», que não se sente capaz de preferir «A Tragédia da Mina» ou «Atlantida» a «Luzes da Cidade», ou «Trader Horn» a «O Congresso que Dança», tal o género diverso dessas produções, todas elas com grandes qualidades. Não queremos crêr, no entanto, que Natividade Gaspar, a despeito dessa dúvida, não tenha sentido por esta ou por aquela fita maior inclinação, não se deixasse influenciar por certas particularidades ou qualidades destacantes de certas produções, de modo a poder dar-lhes uma preferência que lhe permitisse classificar as 10 melhores por ordem decrescente. A outra resposta que não pudemos incluir na votação foi a do camarada Olavo, o distinto e humorístico redactor da «Imagem». Com a boa disposição de sempre, Olavo, depois de dizer que os 10 melhores filmes são apenas 7, escreve: «... o resto não sei. Não há, não me interessou, não me lembro. O que é facto é que não me lembro, e isso é um sintoma». Engracado, este Olavo, pois não é? Além disso, Olavo mencionou em primeiro lugar «Viva a Liberdade», que ainda não foi estreada (e bem podeis rezar-lhe por alma, ó cinéfilos!) e que apenas uma meia dúzia de felizardos como êle como eu pôde ver em sessão particular.

Os cinco jornalistas que deixaram de responder, foram: Antonio Lourenço e Fernando Fragoso, de «Cinéfilo», Luis Teixeira e Mário Pires, de «O Diário de Notícias», e Juliano Ribeiro, do «Jornal de Notícias».

Os vinte e dois jornalistas que votaram, foram os seguintes, por ordem alfabética:

ALBERTO ARMANDO PEREIRA (Cinema): — Ruas da Cidade, Matou, Tragédia da Mina, Luzes da Cidade,



Uma cena de "A Tragédia da Mina", que G. W. Pabst realizou para a "Nero-Film", e que os jornalistas cinematográficos portuenses "elegeram" a melhor fita estreada na temporada 1931/32

quais, na sua opinião pessoal, os 10 melhores filmes de entre os estreados na temporada finda de 1931/32, apresenta-nos um resultado positivo, indiscutível, um apuramento que é a indicação perfeita do desenvolvido espirito dos que nessa imprensa dedicam aos assuntos de cinema o melhor da sua atenção.

Na verdade, os 10 filmes que las

as quatro primeiras são obras-primas da cinematografia, aos olhos de todos os que compreendem e apreciam o cinema em toda a sua beleza.

«A Tragédia da Mina» alcançou a primeira classificação por uma maioria de votos muito grande, e, se, pessoalmente, o autor destas linhas votou em «Ruas da Cidade» para o 1.º lugar, não quer dizer que não reconhecamos na

Congresso que Dança, Tabu, Marrocos, O Tenente Sedutor, Traição e Dois Corações a Compasso.

ALVARO MACHADO («Jornal de Notícias»):—O Presídio, Fatalidade, Marrocos, Tragédia da Mina, Espionagem, Atlantida, Congresso que Dança, Trader Horn, Luzes da Cidade e Anjos do Inferno.

ALVES COSTA («Invicta Cine»):—Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Matou, Luzes da Cidade, A Última Companhia, Traição, O Presídio, Atlantida, Congresso que Dança e Tabu.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO (Diário de Lisboa):—Tragédia da Mina, O Congresso que Dança, Matou, Um homem feliz, Ruas da Cidade, Mam'zelle Ninouche, O Vingador, Atlantida, Dois Corações a Compasso e A Divorciada.

AUGUSTO FRAGA («Cinéfilo»):—Luzes da Cidade, A Tragédia da Mina, Matou, Chantagem, O Congresso que Dança, O Senhor Director, Fatalidade, Trader Horn, Ruas da Cidade, Atlantida.

CAMILO DE VASCONCELOS («Invicta Cine»):—Luzes da Cidade, A Tragédia da Mina, Matou, Ruas da Cidade, Atlantida, A Última Companhia, Traição, Vagabundo Imortal, Fatalidade e Pamplinas em Pijama.

CARLOS FERREIRA («A República»):—Fatalidade, A Tragédia da Mina, Matou, Traição, Luzes da Cidade, O Senhor Director, Al Capone, Atlantida, Dois num Automovel, e O Congresso que Dança.

CHIANCA DE GARCIA («Imagem»):—A Tragédia da Mina, O Congresso que Dança, Matou, Ruas da Cidade, Atlantida, Luzes da Cidade, Trader Horn, Um Homem Feliz, Traição e Marrocos.

EDUARDO DOS SANTOS, Edurisa («O Comércio do Porto»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Atlantida, Luzes da Cidade, Matou, O Congresso que Dança, Trader Horn, Traição, Em Redor dum inquérito e Romanza Sentimental.

EMILIO LOUBET («A Montanha»):—Ruas da Cidade, A Tragédia da Mina, Matou, Atlantida, O Congresso que Dança, Luzes da Cidade, Trader Horn, O Presídio, Marrocos e em Redor dum Inquérito.

FELIZ RIBEIRO («Diário da Manhã»):—Matou, Ruas da Cidade, Tragédia da Mina, O Congresso que Dança, Luzes da Cidade, Trader Horn, O Tenente Sedutor, Dois Corações a Compasso, Traição e Os Filhos.

FERNANDA («Imagem»):—A Tragédia da Mina, Atlantida, Matou, Trai-

ção, O Congresso que Dança, Ruas da Cidade, Marrocos, Divorciada, Salto Mortal e Em Redor dum Inquérito.

FERNANDO BARROS («Invicta Cine»):—A Tragédia da Mina, Luzes da Cidade, Matou, Ruas da Cidade, Atlantida, Tabu, Traição, A Última Companhia, Marrocos e O Faroleiro.

J. ALVES DA CUNHA («Invicta Cine»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Luzes da Cidade, Matou, O Congresso que Dança, Atlantida, Traição, Fatalidade, Transatlantico, A Amorosa Aventura,

JOÃO SANTOS («Cinema»):—Luzes da Cidade, Fatalidade, Matou, A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Marrocos, O Congresso que Dança, Um Homem Feliz, O Tenente do Amor e Atlantida.

JOAQUIM ALVES TEIXEIRA («Invicta Cine»):—A Tragédia da Mina,

Fatalidade, O Congresso que Dança Traição, Tabu e Trader Horn.

RUY CASANOVA («Imagem»):—Ruas da Cidade, A Tragédia da Mina, Matou, O Congresso que Dança, Marrocos, Atlantida, Traição, Virtudes Modernas, Trader Horn e Luzes da Cidade.

SOUTINHO D'OLIVEIRA («Invicta Cine»):—Matou, Luzes da Cidade, A Tragédia da Mina, Atlantida, Ruas da Cidade, Trader Horn, O Presídio, Anjos do Inferno, Fatalidade e O Congresso que Dança.

Um caso curioso: Em nenhuma das 22 listas recebidas, os três primeiros filmes indicados correspondem aos três primeiros classificados. A lista que mais se aproximou dos 10 filmes preferidos, foi a do nosso colega Joaquim Alves Teixeira, da «Invicta Cine». Além de indicar apenas «Em Redor dum Inquérito» — e essa mesmo em último lugar — sem classificação na

Os dez filmes preferidos pelos jornalistas cinematográficos portugueses na temporada 1931/32:

- 1.º — *A Tragédia da Mina* (Kameradschaft)
- 2.º — *Matou!* («M»)
- 3.º — *Ruas da Cidade* (City Streets)
- 4.º — *Luzes da Cidade* (City Lights)
- 5.º — *O Congresso que Dança* (Le Congrès S'amuse)
- 6.º — *Atlantida* (Atlantide)
- 7.º — *Fatalidade* (Dishonored)
- 8.º — *Traição* (Tumultes)
- 9.º — *Trader Horn* (Trader Horn)
- 10.º — *Marrocos* (Marocco)

Ruas da Cidade, Matou, Atlantida, Luzes da Cidade, Fatalidade, Traição, O Congresso que Dança, Marrocos e Em Redor dum Inquérito.

JOSÉ GOMES FERREIRA («Imagem»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Congresso que Dança, Matou, Luzes da Cidade, Traição, Atlantida, Trader Horn, O Presídio e A Divorciada.

MÁRIO DE FIGUEIREDO («O Primeiro de Janeiro»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Trader Horn, Luzes da Cidade, Matou, Fatalidade, Atlantida, Espionagem, Em Redor dum Inquérito e O Congresso que Dança.

NOVAIS CASTRO («Cor de Pour Vous»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Matou, Luzes da Cidade, O Congresso que Dança, Tabu, Atlantida, Fatalidade, A Última Companhia e Um Homem Feliz.

ROBERTO LINO («Invicta Cine»):—A Tragédia da Mina, Ruas da Cidade, Luzes da Cidade, Matou, Atlantida,

lista vencedora, os 9 restantes aproximam-se muito do resultado do Inquérito.

A todos os camaradas que tiveram a amabilidade de responder, e aos que, por qualquer imperioso motivo, o não puderam fazer, «Cinema» apresenta os seus melhores agradecimentos.

A primeira versão inglesa da "Ufa" para a "Gaumont-British"

A primeira versão inglesa que a «Ufa» vai apresentar do seu contrato com a «Gaumont British», será «Happy Ever After», com Lillian Harvey e Jack Hulbert. «Happy Ever After» é a versão inglesa de «Um Sonho Dourado».

Elissa Landi renovou o seu contrato com a «Fox»

Pelos nossos Cinemas

O REI DA PÂNDEGA (LA BANDE À BOUBOULE): — De-certo contra a sua vontade, porque eu quero crer que George Milton seja um bom republicano, e só porque foi «rei da graxa» e «rei dos borlistas», vá de se traduzir por «Rei da Pândega» o que os franceses intitularam «La Bande à Bouboule», numa arbitrariedade muito patúsca, na verdade...

«O Rei da Pândega» — refiro-me a «La Bande à Bouboule» porque aquele título pode servir muito bem para os dois anteriores filmes de Milton e para todos os que ele vier a fazer, se não trocar pelos papéis dramáticos as figuras pândegas que nos tem dado e para que está indicado... — é uma comédia cômica, que se vê com relativo agrado. Não há na realização de Léon Mathot a preocupação de fazer cinema, ou, se a houve, não a conseguiu. Há simplesmente uma série de peripécias mais ou menos burléscas e inverosímeis, pretexto para George Milton pôr em relevo as suas qualidades de apreciável *chansonnier* e de excelente cômico. E logra-o com relativa facilidade, porque, na verdade, Milton tem qualidades de grande artista do género, que o seu físico grandemente ajuda.

Alguns quadros de grande luxo, como aqueles passados na *Côte d'Azur*, esmaltam o filme, dando-lhe, fisicamente, é claro, uma certa distinção, que contrasta com o exotismo de George Milton e faz sobressair os efeitos cômicos.

Com Milton, que ocupa 90 % do filme, aparece Mona Goy — e que *mona*, Santo Deus! — o Raymond Guérin, que parece de pau diante das tentações da noiva, a Lily Zévaco e E'tlevant, todos somando os 10 % que George Milton



lhe deixa livres na interpretação do filme.

«O Rei da Pândega» faz sorrir, e, de vez em quando, sobretudo nas últimas partes, faz rir.

Autores: Willemetz e Pujol. Realizador: Léon Mathot. Fotógrafo: Gaveau. Intérpretes: *Bou-boule*, George Milton; *E'millenne*, Mona Goya; *Netette*, Lily Zévaco; *Mme. Lormeret*, Germaine Charley; *O noivo*, Raymond Guérin; *O inspector Richard*, E'tlevant; *Uma testemunha*, Madeleine Guitty.

Produzida em 1931 pela «G. F. F. A.». Estreada no «Águia d'Ouro» em 15 Outubro 1932. Programa Castelo Lopes, Ltda.

ESTUDANTE MENDIGO (Der Betelstudent): — O prototipo da opereta teatral filmada, com o pretexto de apresentar um cantor célebre, a «voz de ouro» de qualquer estréla da ópera. Nesta fita,



é para a apresentação da cantora Jarmila Novotna e do não menos apreciável cantor Hans Heinz Bollmann.

Como, por isso, se pode calcular, a acção do filme é prejudicada imenso pela preocupação de nos fazerem ouvir lindas vozes — belas vozes, na verdade — com o *ele* e a *ela* a declararem-se e a conversarem tal como nas óperas, numa cantoria pegada que o público dos cinemas não pode suportar sem sacrifício.

Porém, como «Estudante Mendigo» possui no elenco interpretativo artistas como os excelentes cômicos Fritz Schulz, Hermann Picha e a encantadora Truus Van Aalten, o público ri com algumas cenas desta opereta 100 % teatral, e... mais nada.

E, para terminar, ficarei muito grato à pessoa que me explique porque é que chamam «mendigos» ao Simon e ao Jan, que Hans Bollmann e Fritz Schulz interpretam.

Fotógrafo: Guido Seeber. Realizador: Victor Janson. Intérpretes: *Simon*, Hans Heinz Bollmann; *Jan*, Fritz Schulz; *Condessa Novalska*, Hansi Arnstaedt; *Laura*, Jarmila Novotna; *Broni*, Truus van Aalten; *Coronet Ollendorf*, Paul Westermeier; *Henriet*, Hans Jaray; *O porteiro da prisão*, Hermann Picha; *Nepomuk*, Paul Blensfeldt.

Produzida pela «Aafa». Estreada no «Rivoli» em 15 de Outubro 1932. Programa Companhia Cinematográfica de Portugal.

GLORIA (GLORIA): — Depois de «Metropolis» fiquei um *fan* de Brigitte Helm. Não há dúvida que Fritz Lang fez uma grandíssima «descoberta»! Mas nem sempre Brigitte Helm tem sido dirigida

por realizadores capazes de aproveitarem todas as qualidades da excelente atriz alemã. Se, porém, em «Gloria», Brigitte Helm não põe em evidência todos os seus grandes recursos, Hans Behrendt, que realizou o filme, soube aproveitá-la convenientemente dentro do limitado campo que lhe oferece a figura de Vera. E embora numa personagem um tanto vulgar, bem distinta da Brigitte Helm de «Metropolis», de «Crise», de «Mandrágora» ou da «Piedosa Mentira» de Nina Petrowna, Brigitte Helm deu-nos, dentro dessa vulgaridade, uma actuação satisfatória, que, se não acrescenta novos louros à sua brilhante carreira, também lhos não diminui.

André Luguet, bastante exagerado nas cenas das discussões com a esposa, melhorou um pouco na demonstração do ciúme, mas não satisfaz no aspecto geral da sua interpretação. André Roanne, à vontade, muito melhor do que de costume. Jean Gabin bastante bem no mecânico Robert. O pequero que faz o Jackie, dá o recado como lhe ensinaram, assim à maneira do pequeno Reis em «A Mulher que ri»...

O argumento de «Gloria» possui certo interesse, e prestava-se a uma grande realização. Pena é que a casa francesa «Pathé-Natan», que fez o filme de colaboração com a casa alemã «Matador», não tivesse podido dar às cenas aéreas uma grandiosidade que mostrasse as possibilidades da aviação europeia e nos desse, pelo contrário, uma travessia do Atlântico limitada à apresentação, em grande plano, de dois aviadores agarrados aos volantes, e, de vez em quando, um quadro mostrando, ao longe, um



avião atravessando negras nuvens, tudo numa pobreza material que deve fazer sorrir — porque é ridícula, de facto — os americanos que fizeram «A Patrulha da Alvorada» e «Titans do Ceu»...

A-pesar disso, «Gloria» não deixa de se ver sem enfiado, e, porque tem um *end* bastante *happy*, o público sai com cara de que não deu por mal empregada a noite.

Antes assim!...



Lá por estarem assim "de costas", a Joan Crawford e o Clark Gable não estão zangados. Apeteceu lhes serem fotografados nesta posição, num dos intervalos de "Fascinação", um excelente filme da "M-G-M", que vai consagrar definitivamente o simpático do Clark Gable. Quanto à Joan Crawford, está cada vez mais bonita, mais "Venus de Hollywood" e, sobretudo, melhor actriz. Uma pessoa cá da casa já viu "Fascinação" e, segundo diz, ficou 100 % fan da Joan Crawford. Esperemos por "Fascinação".

Realizador: Hans Behrendt. Interpretes: Vera, Brigitte Helm; Pierre Latour, André Luguet; Robert Nourry, Jean Gabin; Bob, Deschamps, André Roanne; A cozinheira, Mady Berry. Produzida em 1931 pela PATHÉ-NATAN. Estreada no «São João» em 17 Outubro 1932. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda.

TITANS DO CEU (HELLS'DIVERS): — George Hill, o animador famoso da versão original de «O Presídio» e inspirador da realização das versões espanhola e francesa exibidas entre nós, dá-nos agora, com «Titans do Ceu», uma nova demonstração das suas grandes faculdades directivas, e das suas preferências pelas obras de grande encenação, mescladas duma grande dose de humanidade, falando ao coração com as cenas patéticas que muito discretamente, e sem pleguices, lhes sabe incluir, ao mesmo tempo que nos faz vibrar os nervos com a ousadia dos quadros magníficos com que nos deslumbra, assim à maneira de Cecil De Mille, apenas um pouco mais regulado, com mais pês e medida, sem excessos nem fantasias.

«Titans do Ceu», como diziam os réclamos, «é bem a resposta da «M-G-M» aos anteriores filmes de aviação feitos pelas outras casas». E resposta bem condigna. Se «Wings», da «Paramount», e se «Lilac Time», da «First National», se «Dawn Patrol», da Warner Brothers», se «Hells'Angels», da «United Artists», filmes anteriormente apresentados com a aviação como motivo primário da realização, possuíam qualidades grandes para os imporem à admiração dos apreciadores de cinema, «Titans do Ceu» em nada lhes fica inferior, antes, talvez por ser de mais recente fectura, possui sobre os outros a vantagem dum melhor entendimento entre o desenvolvimento da história, com o plot central da rivalidade profissional dos dois bravos aviadores, e as cenas de aviação propriamente ditas, estas como constituição básica da grandiosidade de toda a película, mas de tal forma desenvolvidas, tratadas com tal habilidade e proficiência, que todas elas perpassam como maravilhas a nossos olhos, sem tomarem o aspecto dum documentário sobre a sétima arma, sem deixarem de bullir com o nosso coração...

Com a ajuda da Marinha Americana, a «M-G-M» conseguiu para «Titans do Ceu» um conjunto de quadros extasiantes de beleza, onde a gente não sabe que mais admirar, se a perícia daqueles aviadores, agora voando em linha, logo baixando rapidamente sobre os alvos a atingir, se a maravilha da descida sobre o porta-aviões «Saratoga», se a largada da esquadilha para o ataque aos 3 dirigíveis, e que as objectivas focaram nos mais diversos e felizes ângulos, se a habilíssima aterrisagem na areia rodeada de escolhos, manobra que arranca do público um *ah!* que é uma definição, se o choque do avião na cobertura do «Saratoga», se... se... muitos outros quadros que entusiasman e que não é possível pôr agora em destaque.

A colaborar com a excelência da rea-

lização e a fazer parte integrante do valor muito grande de «Titans do Ceu», há que mencionar a interpretação, à frente da qual vemos Wallace Beery, um actor consagrado, um actor de formidáveis recursos histriónicos, um artista completo, que tem, no Windy Riker, um desempenho que seria a sua elevação ao *stardom*, se êle não fosse *estrêla* desde há muito, uma interpretação que eu não me importaria de classificar a melhor da sua carreira, se, com franqueza, não soubesse que também foram muito grandes as interpretações de Wallace Beery no cinema silencioso, nos papéis *antipáticos* que eram a sua especialidade, como nos cómicos, a par de Raymond Hatton, em que também manifestou aptidões muito grandes, sempre impondo-se à nossa admiração, mostrando a enorme ductilidade do seu talento, que o classifica como um dos maiores actores do cinema americano.

Clark Gable segue imediatamente atrás de Wally Beery na ordem da interpretação. Êste rapaz, que é hoje um ídolo da América, que tem sido o primeiro actor ao lado de Greta Garbo, de Joan



Crawford, de Norma Shearer, etc., conquistou a simpatia de todo o público *yankee*, mas, até há pouco, eu não podia compreender a razão de tal êxito, porque, na verdade, as fotografias que dele possuía eram insuficientes para isso... Agora, que pela primeira vez nos aparece na tela, já começo a estar de acordo com os críticos e com o público americano, Clark Gable, muito embora não tenha em «Titans do Ceu» um papel de grande responsabilidade, mostra amplamente, na sobriedade do seu jogo, na precisão das suas atitudes, que tem muito *it*, que é um bom actor, que facilmente conquistará, também, a simpatia do nosso público. Aguardamos com impaciência o seu próximo filme. Os restantes artistas compartilham sem primazia do conjunto harmonioso da interpretação: Dorothy Jordan, John Miljan, Conrad Nagel, Marie Prevost, Marjorie Rambeau e Cliff Edwards.

E, para fechar, os meus parabéns à «M-G-M» pela excelência do *dubbing* em francês. É um trabalho estupendo de perfeição, duma perfeição que eu julgava inatingível. No «Cantinho dum Cinéfilo» de hoje refiro-me a êsse trabalho. Estou radiante!

Se se faz tam magnífica dobragem em francês, também será possível fazê-la em

português! E isto é muito importante para que não estejamos tão contentes para que não mereça o apoio de todos nós!

Autor: Tenente Comandante Wead. Cenaristas: Harvey Gates e Malcolm Stuart Boylan. Fotografo: Harold Wenstrom. Realizador: George Hill. Interpretes: Windy Riker, Wallace Beery; Tieve Nelson, Clark Gable; Duke, Conrad Nagel; Ann, Doroty Jordan; Mme Kelsey, Marjorie Rambeau; Lulu, Marie Prevost; Baldy, Cliff Edwards; Comandante Griffin, John Miljan; Almirante, Landers Stevens; Tenente Fisher, Reed Howes; Capitão do «Saratoga», Alan Roscoe.

Produzida em 1931 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda». Estreada no «Trindade» em 18 de Outubro de 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Correspondência

Por motivo da abundância de original, fica hoje de fóra a secção «Correspondência», que juntaremos à do próximo número.

Dentro e Fora dos Estudios

O filme «600.000 francos por mês», que vimos como silencioso com Nicolas Kollne, vai ser levado ao cinema falado, em França.

Nos estúdios da «Caesar-Films», em Roma, Mario Bonard terminou «Três Homens de Casaca», com o tenor Tito Schipa, Charles Deschamps, Simone Vaudry e Pascall.

Brigitte Helm, que veremos ainda esta época na versão falada de «Mandrágora», terminou em Viena a interpretação de «Voyage de Noces» («Viagem de Nupcias»), com Albert Préjean.

Segundo um boletim do Departamento do Comércio do Brasil, 80 % dos cinemas estão ainda funcionando com cinema silencioso.

Helen Hayes, a grande actriz cuja interpretação em «O Pecado de Madelon Claudet» é uma verdadeira criação artística, vai interpretar «Son Daughter», com Ramon Novarro, para a «M-G-M», sob a direcção de Clarence Brown.

Os intérpretes de «A 1001.ª Noite», que Volkoff dirigirá para a «G. F. F. A.», serão Ivan Mosjoukine e Tania Fedor.

Lilyan Tashman, esposa de Edmund Lowe, foi operada de apendicite no Harbor Sanitarium de Hollywood, no dia 5 de Outubro.

O ex-campeão de boxe Jack Dempsey foi contratado por Sam Sax, chefe dos estúdios de Vitaphone em Brooklyn, para interpretar um filme curto de duas partes.

Na capa: — José Mojica Interprete do grandioso filme "O Meu Último Amor", da "Fox"

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultrammar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Arry Rapf, vice-presidente encarregado da produção da «M-G-M», o homem que «descobriu» Joan Crawford, está actualmente em Londres, em viagem de férias.

Douglas Shearer, irmão de Norma Shearer e chefe do departamento sonoro da «M-G-M», regressou a Culver City, da sua viagem de nupcias aérea, com sua esposa Ann Cunningham, também empregada nos estúdios da «M-G-M».

Jesse Lasky tem propostas de várias casas americanas para dirigir a produção dessas fitas. E' mais provável, porém, que aceite a proposta da «Fox», para a qual produzirá independentemente.

Samuel Goldwyn renovou por dois anos a sua opção sobre o contrato de Ronald Colman.

Os estúdios da Vitaphone em Brooklyn fizeram uma versão reduzida em duas partes, da opereta «A Canção do Deserto», e vão fazer agora uma versão idêntica de «Chegou a Primavera».

A casa «Caesar Films», uma das primeiras de Itália, acaba de abrir os seus escritórios em Nova-York. A primeira fita que aquela casa vai distribuir na América é «La Vecchia Signora» com Emma Gramatica e Arturo Falconi.

George Milton, que acabamos de ver em «O Rei da Páidega», renovou por dois anos o seu contrato com a «G. F. F. A.», durante os quais esta casa francesa terá o exclusivo do excelente cómico francês. O próximo filme de George Milton será dirigido por Léon Mathot, que já dirigiu «O Rei da Páidega».

A Tchecoslováquia possui proporcionalmente o maior número de cinemas. A densidade da população dá um cinema por cada 7.500 habitantes, enquanto que a Alemanha tem um por cada 9.000 e a Itália um por cada 15.000 habitantes.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO EXITO:

Ricardito e os Mexicanos

com o popular actor-atleta RICHARD TALMADG (Ricardito)

Sexta-feira, 28 **Quando a Cidade Dorme**

Filme policial, sonorizado, com LON CHANEY

BROADWAY MELODY

falada e cantada, com BESSIE LOVE, ANITA PAGE e CHARLES KING

PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o

MENDE

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

N.º 31

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,,

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 27 e 29 de Out.

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 27 e 29 de Out.

BATALHA — Matinéas de Quinta e Sabado, 27 e 29 de Outubro.

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 27 de Outubro

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

**apresentará brevemente entre outras,
as seguintes super-produções:**

É preciso casá-los

com Anny Ondra

O Filho do Milagre

com Blanche Montel e Armand Bernard

O Seu Homem

com Helen Twelvetrees

Os Três Amigos

com Harry Piel

Menina, não se engane!

com Magda Schneider

**Isto é uma pequena parte do que vai
apresentar esta temporada a firma**

Castelo Lopes, L.^{da}